

# O MITO DE NARCISO E ECO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA

**PAULO CESAR DA SILVA LOPES JUNIOR\***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL),  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Recebido em: 13 jul. 2024. Aprovado em: 2 dez. 2024.

Como citar este artigo: LOPES JUNIOR, P. C. da S. O mito de Narciso e Eco no mundo contemporâneo:  
dois lados de uma mesma moeda. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 1, p. 16-28, jan./abr.  
2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n1p16-28

## Resumo

As figuras de Narciso e Eco estão enraizadas na cultura ocidental. Mesmo sem conhecerem a mitologia, muitos conseguem associar Narciso a diversas situações contemporâneas devido à base greco-romana presente em nossa cultura. Diante disso, o mito tem ganhado múltiplas releituras em diversas disciplinas das humanidades. Freud, por exemplo, usou Narciso para explorar a fixação do ego, enquanto sociólogos como Lasch o aplicaram como crítica cultural, destacando a supervalorização da individualidade. Na internet, o mito ressoa na construção de identidades virtuais e na busca por validação. Buscamos, portanto, dialogar com essas figuras que estão presentes em nosso imaginário social.

---

\* E-mail: juniorlopesnews@gmail.com  
 <https://orcid.org/0000-0002-5705-4929>

## Palavras-chave

Mitologia grega. Narciso. Eco.

As figuras míticas tanto de Narciso quanto de Eco estão profundamente enraizadas no imaginário da cultura popular ocidental. Mesmo aqueles que desconhecem a narrativa mitológica de Narciso são capazes de associar sua imagem a distintas situações e contextos do mundo contemporâneo. Tal fenômeno advém do fato de nossa cultura estar alicerçada nos contextos greco-romanos, o que tem propiciado múltiplas releituras do mito ao longo dos séculos em diversas áreas, como a psicanálise, a sociologia e a literatura.

Nesse cenário, os mitos gregos, com seus enredos complexos e personagens multifacetados, têm provido um vasto manancial para a reflexão filosófica e a inspiração artística, desempenhando um papel crucial na conformação do imaginário coletivo ocidental. Para Carlos Byington (1987, p. 9), no prefácio do primeiro volume do livro *Mitologia grega*, de Junito Brandão, “os mitos têm lugar de destaque devido à profundidade e abrangência com que funcionam no grande e difícil processo de formação da Consciência Coletiva”.

Desse modo, os mitos têm servido como um eloquente veículo de comunicação de valores, ensinamentos e explicações para fenômenos naturais e sociais, tecendo um legado cultural de notável profundidade que persiste em influenciar e inspirar até os dias hodiernos. Ainda em seu texto introdutório, continua o psiquiatra e analista junguiano:

Os pais ensinam aos filhos como é a vida, relatando-lhes as experiências pelas quais passaram. Os mitos fazem a mesma coisa num sentido muito mais amplo, pois delineiam padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. Com o recurso da imagem e da fantasia, os mitos abrem para a Consciência o acesso direto ao Inconsciente Coletivo. Até mesmo os mitos hediondos e cruéis são da maior utilidade, pois nos ensinam através da tragédia os grandes perigos do processo existencial (Byington, 1987, p. 9).

Assim como em muitos mitos greco-romanos, a origem exata de Narciso é envolta de incertezas. Na verdade, há mais de uma versão do mito do auto-admirador. Contudo, isso não diminui a ressonância da narrativa, a qual tem transposto eras no Ocidente, metamorfoseando-se e incorporando novos

estratos de significado. Nesse contexto, o trágico herói tem se mantido latente e cada vez mais influente no cenário contemporâneo, atuando como um espelho para profundas considerações sobre a essência humana e as suas intrincadas complexidades que permeiam as ciências humanas.

Adentrando a sua substância mítica, partiremos de sua estrutura mais elementar: a etimologia do nome Narciso. Dessa forma, observamos que, por meio da escrita, é possível depreender e captar a expressão simbólica da fábula. Assim, conforme assevera Junito Brandão, eminente erudito classicista brasileiro, nosso Narciso, em grego *Νάρκισσος* (Nárkissos), possivelmente não é uma palavra de origem grega, mas um empréstimo de alguma língua mediterrânea, talvez da ilha de Creta. Etimologicamente, Nárkissos contém o elemento *νάρκη* (nárke), “que, em grego, significa ‘entorpecimento, torpor’, cuja base deve ser o indo-europeu (s)*nerg*, ‘encarquilhar, estiolar, morrer’” (Brandão, 1987, p. 173). À vista disso, destacamos esses importantes constituintes morfológicos numa tentativa de compreensão do que há por trás da simbologia dessa figura mítica.

Seguindo essa direção hermenêutica, mais sentidos emergem: “Relacionando-se depois, com a flor *narciso*, que era tida por estupefaciente, *nárke* será a base etimológica de nossa palavra narcótico e toda uma vasta família com o elemento *narc-*” (Brandão, 1987, p. 173). Desse modo, ao investigarmos as conexões morfológicas e simbólicas, constatamos que a etimologia de seu nome evoca substâncias anestésicas, porém também conducentes à instabilidade, ao desequilíbrio e à desarmonia da vida, dando-nos indícios acerca do trágico destino dessa entidade mítica, cuja magnificência de sua beleza rivalizava com a dos deuses.

Retornemos à narrativa mítica. Segundo uma das variantes mais célebres do herói, a de Ovídio, Narciso emergiu da ardente e voraz paixão de Cefiso, o venerado deus lacustre da mitologia grega. Este, dizem, ultrajou a ninfa Liríope, cujo desfecho foi uma gestação indesejada que culminou no nascimento do herói de Téspias, conforme relatado por Junito Brandão (1987, p. 175). Desde tenra idade, Narciso era admirado e envolto em um orgulho exuberante, capturando olhares que o reverenciavam. Ele era o mais cobiçado entre os mortais e até mesmo pelos imortais. Contudo, desafiar os seres divinos era uma afronta merecedora de castigo, algo que o jovem fazia com naturalidade devido à sua beleza e arrogância:

Na cultura grega, de modo particular, beleza fora do comum sempre assustava. É que esta facilmente arrastava o mortal para a *hýbris*, o descomedimento, fazendo-o, muitas vezes, ultrapassar o *métron*. Competir com os deuses em beleza era uma afronta inexoravelmente punida. Bastaria o mito de *Eros* e *Psiqué* para testemunhá-lo! E Narciso era mais belo do que os Imortais, que carregavam o peso da eternidade, embriagados de néctar e fartos de ambrosia (Brandão, 1987, p. 175).

Ao longo dos anos, conforme Brandão (1987, p. 175), Narciso floresceu e atraiu cada vez mais olhares, sendo objeto de desejo não apenas das ninfas e das jovens em toda a Grécia antiga, mas também das próprias deusas. Diante desse panorama, sua mãe, Liríope, em crescente apreensão, decidiu consultar o ancião cego Tirésias, conhecido pelo dom da *mantéia*, da adivinhação, para saber o futuro de seu filho. E a “resposta do adivinho foi lacônica e direta: *si non se uiderit*, ‘se ele não se vir’. [...] Apenas isto. Narciso viveria longos anos, desde que não se visse” (Brandão, 1987, p. 176). Foi assim que a sentença de Narciso fora estabelecida, delineando seus longos anos de vida desde que evitasse contemplar a si mesmo.

Narciso avançava em sua jornada, e as “Jovens da Grécia inteira e ninfas, como sonhara Liríope, estavam irremediavelmente presas à beleza de Narciso, que, no entanto, permanecia insensível” (Brandão, 1987, p. 177). A aura de Narciso era tal que ele se tornara uma obsessão para muitas, suas feições e charme eram como uma armadilha mágica. Entretanto, além de ser extraordinariamente belo e jovial, transformara-se em um ser cada vez mais soberbo. Eco, uma das ninfas das florestas, estava enredada em um amor profundo e desesperado por Narciso, mas também experienciava uma agonia dilacerante, pois havia tomado um castigo severo imposto por Hera, a rainha dos deuses, em razão de seu comportamento desequilibrado e egocêntrico.

É que a deusa Hera, desconfiada, como sempre, e com razão, das constantes ‘viagens’ do esposo ao mundo dos mortais, resolveu prendê-lo lá em cima. Desesperado, Zeus lembrou-se de Eco, ninfa de uma tagarelice invencível. A esposa seria distraída pela ninfa e ele, Zeus, poderia dar seus passeios, quase sempre de caráter amoroso, pelo *habitat* das encantadoras mortais... A princípio, tudo correu bem, mas a ciumenta Hera, ‘a defensora dos amores legítimos’, por fim, desconfiou, e sabedora do porquê da loquacidade de Eco, condenou-a a não mais falar: repetiria tão-somente os últimos sons das palavras que ouvisse (Brandão, 1987, p. 177).

De volta a Narciso, segundo Brandão (1987, p. 177), era verão e o filho de Liríope optou por sair em uma caçada com seus camaradas. Eco, ainda enfeitiçada por sua paixão, mesmo privada da fala, “o seguia, sem se deixar ver. Acontece que, tendo-se afastado em demasia dos amigos, o jovem começou a gritar por eles...” (Brandão, 1987, p. 177). Tentando auxiliar seu amado, Eco só podia ecoar o som das palavras que escutava. Então, o jovem fugira, deixando-a petrificada, jurando que preferiria a morte a uma união amorosa (Brandão, 1987, p. 178).

Narciso, déspota, desprezara o afeto de Eco, assim como fizera com todas as demais. Demasiadamente ensimesmado, não conseguia perceber o que estava além de si mesmo, enquanto Eco, outrora capaz de discursos eloquentes, aprisionada em sua própria tagarelice, estava destinada a ecoar os sons que ouvisse. No entanto, Eco possuía companheiras, e de acordo com Brandão (1987, p. 178):

Tão friamente repelida, mas ardendo em paixão por Narciso, Eco se isolou e se fechou numa imensa solidão. Por fim, deixou de se alimentar e definiu, transformando-se num rochedo, capaz apenas de repetir os derradeiros sons do que se diz. As demais ninfas, irritadas com a insensibilidade e frieza do filho de Liríope, pediram vingança a *Nêmesis*, que, prontamente, condenou Narciso a *amar um amor impossível*.

Retornando ao protagonista, em um novo período estival, o moço encontrava-se ávido pelas límpidas águas da fonte de Téspias:

Estava-se novamente no verão. O jovem Narciso, sedento, aproximou-se da límpida fonte de Téspias para mitigar a sede. Como as flores que Hipólito colheira para ofertar a Ártemis jamais haviam sido tocadas nem mesmo pelas asas de ouro das abelhas da primavera, assim as águas da fonte de Téspias eram tão puras, que nem sequer delas se haviam aproximado os lábios ressequidos dos pegureiros (Brandão, 1987, p. 180).

Certamente, seu destino estava traçado. *Nêmesis*, a divindade que representa o destino inexorável, já o havia condenado. Brandão (1987, p. 180-181), então, acrescenta:

Debruçou-se sobre o espelho imaculado das águas e viu-se. Viu a própria *imago* (imagem), a própria *umbra* (sombra) refletida no espelho da fonte de Téspias.

*Si non se uiderit, 'se ele não se vir', profetizara Tirésias. Viu-se e não mais pôde sair dali: apaixonara-se pela própria imagem. Nêmesis cumprira a maldição. [...]*

*Procuram-lhe o corpo: havia apenas uma delicada flor amarela, cujo centro era circundado de pétalas brancas. Era o narciso.*

Por que, afinal, um destino tão trágico? Ovídio, em suas *Metamorfoses*, apresentou-nos Eco e Narciso, personagens de uma mesma narrativa e, sob certo prisma, faces complementares de uma única moeda: Narciso, enredado pela tirania de sua própria beleza física, e a tagarelice incessante de Eco, que revela um egocentrismo latente, não menos pernicioso que a vaidade de Narciso. Assim, ambos personificam diferentes aspectos do ego, prontamente condenados pelos deuses gregos. Isso posto, como se justificaria a resiliência simbólica dessas figuras mitológicas tão singulares, capazes de transcender milênios e ainda ressoar no mundo contemporâneo?

Na verdade, continuamos assombrados por Eco e Narciso em nosso inconsciente coletivo<sup>1</sup>. Se, nos anos 1990, a inclusão digital era uma utopia e tema de discussões políticas no Ocidente, nos anos 2010, tornou-se uma necessidade elementar na vida humana. No universo dos *pixels*, dos algoritmos e das redes sociais, o culto ao indivíduo tornou-se um paradigma: nunca antes, em tão vasta escala, as pessoas se expuseram tanto, falaram tanto de si mesmas ou veneraram a própria imagem com tanto fervor.

Nesse ponto, Byington (1987, p. 10) elucida que “os mitos, além de gerarem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, permanecem através da história como marcos referenciais através dos quais a Consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar”. Dessa forma, não podemos deixar de associar esse comportamento, respectivamente, às figuras arquetípicas de Eco e Narciso.

Para além disso, o que mais prevalece nas mídias digitais são indivíduos discorrendo sobre si mesmos. Em determinados casos, é perceptível a presença de comportamentos exacerbados, marcados por uma vaidade singular e um

<sup>1</sup> O “inconsciente coletivo” é uma noção formulada por Carl Gustav Jung, aludindo a uma dimensão da psique humana que abriga memórias e impulsos universais, inerentes à totalidade da espécie humana. Em contraste com o inconsciente pessoal, constituído por experiências idiossincráticas, o inconsciente coletivo é uma herança psíquica comum a todos os indivíduos, transcendente de diferenças culturais ou trajetórias pessoais. Segundo Carlos Byington (1987, p. 9), “todos os símbolos existentes numa cultura e atuantes nas suas instituições são marcos do grande caminho da humanidade das trevas para a luz, do inconsciente para o consciente”.

desejo insaciável de captar para si a atenção do público, evocando, uma vez mais, as figuras mitológicas de Eco e Narciso. Não raro, o uso exagerado dessas plataformas tem ocasionado a exposição de detalhes extremamente íntimos, que produzem situações constrangedoras, gerando problemas nas delimitações entre as fronteiras do privado e do público.

Há tempos, Sigmund Freud, o pai da psicanálise, havia explorado metaforicamente as narrativas gregas como a do mito do belo e vaidoso Narciso. Embora, em diversos momentos de suas obras, como em *Totem e tabu*, Freud (2012, p. 92-93) ainda não demonstrasse condições para descrever com exatidão o fenômeno, seu pioneirismo anunciava a concepção narcísica como patologia humana no século XX:

Nesse estágio intermediário, cuja relevância cada vez mais se impõe ao pesquisador, os instintos sexuais antes separados já se juntaram numa unidade e encontraram um objeto; mas esse objeto não é externo, alheio ao indivíduo, e sim o próprio Eu, já constituído por esse tempo. Considerando fixações patológicas desse estado, observadas mais tarde, nós o denominamos *narcisismo*. A pessoa se comporta como se estivesse enamorada de si mesma; os instintos do Eu e os desejos libidinais ainda não são separados por nossa análise.

Na verdade, o termo “narcisismo” já encontrava seu uso nas esferas médicas e psicológicas como uma descrição de um amor-próprio patológico. Todavia, é somente com a publicação de sua teoria do narcisismo, apresentada em seu extenso ensaio intitulado “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, que o conceito ganha forma mais robusta e se integra plenamente às teorias psicanalíticas.

Isso posto, algumas décadas subsequentes, Christopher Lasch, eminente historiador e fervoroso crítico das sociedades industriais contemporâneas em suas investigações, alinhando-se à perspectiva frankfurtiana, passou a dedicar-se meticulosamente às interações entre indivíduo e sociedade, com ênfase nos novos caminhos trilhados pela sociedade norte-americana a partir da década de 1970. Diante desse contexto, pode-se afirmar que os estudos inaugurados por Freud acerca do narcisismo, na psicanálise, foram transformados em sua condição individual e transpostos para a esfera cultural por Lasch.

Em seu livro *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*, Lasch (1983) vaticina que os traços predominantes das sociedades do alvorecer do século XX, tais como a histeria e as neuroses

obsessivas, seriam suplantados pelo culto ao indivíduo e pela busca fanática pelo sucesso pessoal e financeiro após a década de 1970.

Nos anos setenta, tais relatos tornaram-se cada vez mais comuns. 'Não é por acaso', observa Herbert Hendin, 'que atualmente os eventos dominantes em psicanálise são a redescoberta do narcisismo e a nova ênfase sobre a importância psicológica da morte'. 'O que a histeria e as neuroses obsessivas foram para Freud e para seus primeiros colegas... no início deste século', escreve Michael Beldoch, 'as desordens narcisistas são para os atuais analistas destas poucas últimas décadas, antes do próximo milênio. Os pacientes de hoje, de modo geral, não sofrem de paralisias histéricas das pernas ou de compulsões de lavar as mãos; ao invés, são seus eus psíquicos como um todo que ficaram insensíveis ou que têm de esfregar e reesfregar, em um esforço exaustivo e interminável para limpar' (Lasch, 1983, p. 67-68).

Em outra passagem, Lasch (1983, p. 37) aponta diversos questionamentos acerca do novo estilo de vida humana, que, a partir daquele momento, se reconfigurava nos Estados Unidos, não se tratando apenas de um pequeno momento histórico, mas manifestando vigorosas tendências destinadas a difundir-se rapidamente pelo mundo ocidental:

[...] por que o crescimento e o desenvolvimento pessoais se tornaram tão árduos de ser atingidos; por que o temor de amadurecer e de ficar velho persegue nossa sociedade; por que as relações pessoais se tornaram tão instáveis e precárias; e por que a 'vida interior' não mais oferece qualquer refúgio para os perigos que nos envolvem.

Nesse cenário, originalmente formalizado de forma mais robusta por Freud na psicanálise e subsequentemente reformulado por Christopher Lasch como uma norma cultural, o narcisismo passou a imperar na era contemporânea, exibindo uma plasticidade que permeia tanto o domínio do real quanto do digital. Dessa forma, torna-se cada vez mais prevalente o anseio dos indivíduos, enlevados por si mesmos, de transformar seus corpos e, por conseguinte, suas existências, perpetuamente guiados por um ideal de aperfeiçoamento inatingível.

Diante disso, tornou-se costumeiro que os indivíduos se submetam a uma miríade de correções corporais, tanto no âmbito real quanto digital, valendo-se incessantemente de artifícios como o Photoshop e intervenções cirúrgicas

estéticas, perpetuando-se uma insatisfação contínua com o que se possui, uma vez que nada é considerado imune à possibilidade de aperfeiçoamento. Esse fenômeno tem estado intrinsecamente atrelado a um estilo de vida superficial e culturalmente condicionado, que, de forma inexorável, tem conduzido os valores humanos à exaustão. Para a professora e pesquisadora Maria Cristina Ferraz (2015, p. 170), o atual empreendimento da tecnociência almeja a

[...] ultrapassagem dos limites mesmos da vida e do corpo humanos. Anseia superar a própria finitude da vida humana, que implica inevitavelmente envelhecimento e morte – segundo as tecnociências nos prometem, talvez por ora. Manifesta-se igualmente no crescente fascínio exercido pela textura lisa e purificada das imagens digitais, que nossos corpos são convidados a admirar e a querer emular. A essa inflexão [...] da tecnociência articula-se o temor, o horror à viscosidade, às imperfeições e à finitude do orgânico, sempre inclinado a falhas e degradações, a uma obsolescência biologicamente programada.

Em outra perspectiva, observa-se a prodigiosa capacidade do mundo digitalizado de engendrar fama e propiciar o estrelato a qualquer indivíduo que possua um domínio, ainda que mínimo, das mídias sociais, transformando cada indivíduo no próprio artífice e produto de si mesmo. Nesse panorama, em uma espécie de reificação humana<sup>2</sup>, tudo passa a ser vislumbrado como mercadoria, desde pequenos textos digitados em motores de busca até a exposição pessoal nessas mídias: cada interação virtual, cada fragmento de expressão escrita e cada exibição de vida cotidiana tornam-se objetos de valor comercial, transformando a essência humana em um contínuo ciclo de consumo e comercialização.

Para além disso, a individualidade e a subjetividade têm sido capturadas pelo imperativo mercantil, conferindo a tudo e a todos um valor de troca na vasta economia digital. Nessa mesma hermenêutica, destacamos as ideias de Guy Debord (2005, p. 25-26), em seu clássico livro *A sociedade do espetáculo*, no qual argumenta que “O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social. Não só a relação com a mercadoria é visível, como nada mais se vê senão ela: o mundo que se vê é o seu mundo”.

2 A reificação humana, oriunda da teoria marxista e da sociologia crítica, é o processo pelo qual os seres humanos são transformados em objetos, perdendo sua essência e subjetividade. Segundo José Arthur Giannotti (2013, p. 97), Karl Marx “examina como as formas de dominação e as relações desiguais operantes no mercado de trabalho dependem da reificação das relações sociais, cuja base é o fetichismo da mercadoria, mas se completam nas formas mais desenvolvidas do capital”.

Sendo assim, o sistema de compra e venda de capital adentrou na existência humana de forma inédita, transformando até mesmo as interações interpessoais em mercadorias. Esse tipo de problema se reflete, a título de exemplo, em nossa maneira de nos relacionarmos nas mídias digitais à medida que fazemos constantes representações de nós mesmos por imagens ou textos que são captados pelos algoritmos. Dentro desse ambiente digital, somos envolvidos por esses mediadores de conteúdo que automatizam o ato natural de interação social, levando-nos a interagir de forma predominante em bolhas sociais artificialmente criadas, segregando-nos em nichos de mercado a fim de facilitar a monetização.

Regressando à perspectiva mitológica dos antigos gregos, os deuses não demonstram clemência para com aqueles que se voltam demasiadamente para si mesmos. Uma reflexão mais voltada ao mito evoca o castigo de Hera, que privou Eco de sua mais preciosa dádiva, bem como o castigo de Nêmesis, a deusa do equilíbrio e da vingança divina, que condenou Narciso a um amor impossível, resultando em sua morte prematura. O ponto nevrálgico reside na circunstância de que Eco e Narciso detinham seus talentos, entretanto os empregaram de maneira excessivamente egoísta, ignorando as consequências nefastas de suas ações para com outros à sua volta.

Ao refletirmos sobre as inúmeras utilidades das ferramentas digitais, podemos considerá-las também como dádivas outorgadas pelas divindades. Contudo, de forma similar à sanção imposta a Eco e Narciso, igualmente sofremos as consequências por anuírmos à plasticidade do egocentrismo que impera em nossa sociedade. Não é necessário a presença de Tirésias para compreendermos o que se passa no mundo contemporâneo. Em 2015, um breve artigo de Tatiana Cavalcanti nos advertia sobre o uso excessivo das mídias sociais:

É a vontade intensa de estar sempre conectado. O internauta fica cada vez mais tempo na internet e, quando fica sem, aparecem sintomas como ansiedade, irritação, impaciência e depressão. A pessoa deixa de fazer outras atividades de lazer e responsabilidades para estar presente no mundo virtual. Essa atitude persiste apesar de prejuízos evidentes como queda da produtividade no trabalho, piora nas relações interpessoais e má alimentação. Muitas vezes a pessoa já tentou ficar menos tempo na internet, mas não consegue. Ocorrem alterações neurais no cérebro que são semelhantes às que ocorrem com dependentes químicos.

Não é por acaso que tais modificações neurais cerebrais, comparáveis às encontradas em indivíduos dependentes de substâncias químicas, ocorram tanto no ambiente digital quanto na obsessão do narcisismo cultural. A conexão entre o arquétipo do narcisismo e o vício pode ser rastreada nos elementos morfológicos fundamentais em *narciso* - da palavra Narciso, sugerindo uma inter-relação profunda entre a busca por autoadmiração e os padrões de comportamentos compulsivos no inconsciente coletivo.

Diante de tal cenário, permanecemos ainda enredados nos arquétipos de Narciso e Eco. Para onde nos dirigimos então? Esse questionamento de difícil resposta é alvo de ponderação e revisão por parte de inúmeros pesquisadores de diversas disciplinas. No entanto, regressando ao universo mitológico grego, que persiste em nos fascinar, podemos reexaminar a herança, enraizada em nosso imaginário coletivo, deixada pela ninfa e pelo autoadmirador, desvelando o perigoso e desconhecido submundo que nos circunda:

Procuram-lhe o corpo: havia apenas uma delicada flor amarela, cujo centro era circundado de pétalas brancas. Era o *narciso*.

Por *Narciso* se perdeu Eco e por *narciso* se arruinou Perséfone.

É que esta [...] tinha o hábito de colher flores no campo. Desejando-a, o rei do Hades, Plutão, contou com a conivência de Zeus. Este colocou um *narciso* às bordas de um precipício e, ao aproximar-se para pegá-lo, a filha de Deméter caiu no abismo. Lá embaixo, já a aguardava a carruagem de Plutão, que a fez sua mulher.

Na realidade, foi o perfume estupefaciente do *narciso* que embriagou Perséfone e arrastou-a para as trevas (Brandão, 1987, p. 181).

Ainda na lógica mítica, estaríamos destinados, como coletivo, a ingressar numa era sombria; tal como Perséfone se deixou envolver pelo perfume da flor narciso, nós nos deixamos absorver pelas ferramentas digitais, abandonando a experiência real em favor da vida virtual. Assim, o aroma exalado pelas redes sociais é tentador, porém perigoso. Dentro do ciberespaço, somos confrontados com uma multiplicidade de riscos e ambientes tóxicos que alimentam a dependência e desencadeiam problemas psicológicos graves, exigindo uma abordagem consciente e cautelosa a fim de evitarmos suas armadilhas perniciosas.

Dessa maneira, ao nos contrapormos ao risco simbolizado pela carruagem de Plutão, deus do submundo, é essencial que não nos entreguemos às irresistíveis armadilhas que Eco e Narciso desconsideraram. Os benefícios da

era da tecnociência devem ser manejados com parcimônia, discernimento e consciência plena de responsabilidade. Além disso, é imperativo que incentivemos uma cultura de uso responsável e crítico dessas tecnologias, a fim de prevenirmos consequências nocivas, similares às vivenciadas pelos nossos protagonistas míticos.

## The myth of Narcissus and Echo in the contemporary world: two sides of the same coin

### Abstract

The figures of Narcissus and Echo are deeply rooted in Western culture. Even without knowledge of mythology, many can associate Narcissus with various contemporary situations due to the Greco-Roman foundation present in our culture. As a result, the myth has garnered multiple reinterpretations across various humanities disciplines. Freud, for example, used Narcissus to explore ego fixation, while sociologists like Lasch applied it as cultural criticism, highlighting the overvaluation of individuality. On the internet, the myth resonates in the construction of virtual identities and the pursuit of validation. We thus seek to engage with these figures that are present in our social imagination.

### Keywords

Greek mythology. Narcissus. Echo.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. (v. 2).

BYINGTON, C. Prefácio. In: BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. (v. 1). p. 9-12.

CAVALCANTI, T. Internet vicia! Excesso pode causar doenças e depressão. *Terra Você*, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/uso-excessivo-da-internet-pode-causar-doencas-como-depressao,0689cd0f280c3ec5d3d4d954174c7e4696ieRCRD.html>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Tradução Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

FERRAZ, M. C. Desmundo digital: perspectiva genealógica. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 169-178, jul./ago./set. 2015. Disponível em: <https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-84.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

FREUD, S. *Obras completas: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (v. 11).

GIANNOTTI, J. A. Considerações sobre o método. In: MARX, K. *O capital*. Livro I: crítica da economia política: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. p. 86-108.

LASCH, C. R. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Tradução Emani Pavaneli Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983.